

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Cursos Gerais — Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos
2001

2.ª FASE

PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

COTAÇÕES E CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO

A INDICAÇÃO DO NÚMERO DE LINHAS/PALAVRAS VISA APENAS ORIENTAR O ALUNO RELATIVAMENTE AO GRAU DE DESENVOLVIMENTO DA RESPOSTA, PELO QUE NÃO SE PROPÕE QUALQUER PENALIZAÇÃO PARA O NÃO CUMPRIMENTO DESSA INDICAÇÃO.

GRUPO I

Questões 1. e 2.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Rigor da análise do excerto apresentado	10 pontos
Coerência lógica da resposta	7 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	4 pontos
Correcção da expressão escrita	4 pontos
TOTAL	25 pontos
TOTAL das Questões 1. e 2. (2 × 25) =	50 pontos

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A **mera transcrição** de frases do texto implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Questão 3.

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Adequação dos conhecimentos mobilizados	35 pontos
Coerência lógica da resposta	15 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	10 pontos
Correcção da expressão escrita	10 pontos
TOTAL da Questão 3. (1 × 70) =	70 pontos
TOTAL DO GRUPO I	120 pontos

- A **inadequação** da resposta à questão formulada implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- Se a resposta **não manifestar** conhecimento da obra, a pontuação será de 0 (zero) pontos.

V.S.F.F.

114/C/1

Tópicos de conteúdo

O MESTRE, Santo Agostinho

1. O sinal comporta dois elementos: o som e a significação.
O som, percebemo-lo pelo ouvido; a significação, pela contemplação da coisa mesma que se significa.
A força da palavra, a descoberta de que um som é um sinal, depende do conhecimento da significação.
2. Quando ouvimos pela primeira vez pronunciar uma palavra desconhecemos o que ela significa e é ouvindo-a repetidamente e advertindo quando é proferida que descobrimos ser o sinal de uma coisa conhecida anteriormente pela vista.
A significação escondida no som só é aprendida se a realidade mesma que é significada for conhecida ou nos for mostrada com o dedo.
«Mais se aprende um sinal por meio da realidade, do que a própria realidade por um sinal dado.»
3. O Mestre parte da hipótese de que falamos «para ensinar ou aprender» para, através da análise da natureza das palavras como sinais, virmos a reconhecer, como «lei que tem muita força na ordem da natureza», que «de nenhum modo se pode conversar se, ao ouvir as palavras, o espírito não é levado para as coisas de que elas são sinais».
O conhecimento da realidade mesma é prévio ao reconhecimento do sentido das palavras.
Só o mestre interior pode dar a conhecer a verdade.
Neste extracto fica bem clara a primazia das coisas sobre as palavras, da realidade sobre o sinal.
«Uma vez conhecida a realidade mesma que se significa, é que nós aprendemos a força da palavra, a significação escondida no som.» Daí, a vacuidade das palavras e a antítese da hipótese de partida: nada aprendemos com as palavras.
Aprendemos mediante a visão e os outros sentidos ou mediante uma visão «íntima e pura», consultando «a Verdade que preside interiormente à nossa mente.» É Cristo, o verdadeiro Mestre, que nos ensina. «Os homens enganam-se, chamando mestres àqueles que o não são».

PROSLOGION, Santo Anselmo

1. É possível pensar que existe uma realidade que não pode pensar-se não existir.
Tal realidade é maior que uma outra que se possa pensar que não exista; a existência necessária implica uma perfeição superior à existência possível.
Assim, pensar que Deus não existe é pensar que «aquilo maior do que o qual nada se pode pensar» não é «aquilo maior do que o qual nada se pode pensar», o que é uma contradição.
2. Com excepção de Deus, todos os seres, criaturas, podem pensar-se como não existindo. A sua essência não implica a existência, que é meramente possível ou contingente.
Em Deus, a sua essência (ser maior que o qual nada se pode pensar) implica necessariamente a existência.
A existência necessária é incomparavelmente mais verdadeira que a do ser contingente, que tem, portanto, menos existência.
3. Está presente no extracto a forma negativa do argumento ontológico – não é possível pensar que Deus não existe, que completa a forma positiva – Deus existe verdadeiramente.
As palavras que o insensato profere ao afirmar que Deus não existe não as pode dizer-no-coração. Pode pensar as palavras, mas não a realidade que significam.
O argumento fornece também o fio condutor para o conhecimento da essência de Deus: o que é Deus para que nada de maior possa ser pensado?
Porém, Deus não é apenas «tal que nada de maior possa ser pensado», mas também «algo maior do que se possa pensar».

O SER E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

1. Tudo o que a espécie contém já está contido indeterminadamente no género. O género pode significar várias espécies com essências diferentes.
2. Corpo como parte do animal (nenhuma determinação ulterior lhe pode ser acrescentada sem ir para além do significado de corpo), ou corpo como categoria (natureza com três dimensões). Neste sentido corpo é género de animal.
3. Relação da essência com os conceitos lógicos de género e espécie. O género contém indeterminadamente tudo o que está na espécie. Carácter indeterminado do nosso conhecimento do concreto. Primado do ontológico sobre o lógico.

REDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

1. Cada sentido «procura o próprio objecto, evita o que lhe é nocivo e não usurpa o objecto alheio». Do mesmo modo, devemos procurar viver para o que fomos destinados, sem negligência; devemos evitar o que nos é nocivo (a concupiscência) e não devemos usurpar o alheio, afastando a soberba.
2. Assim como no exercício dos sentidos procuramos o prazer, assim devemos procurar a felicidade na contemplação de Deus, na sua beleza, na sua suavidade.
3. Caracterização das diferentes iluminações e da forma como em cada uma delas encontramos verdades fundamentais relativas à teologia. Subordinação de todas as ciências à teologia.

PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, R. Descartes

1. A causa das nossas ideias «deve ser tanto mais perfeita quanto o que elas representam do seu objecto possui mais perfeição». Distinção entre as nossas ideias, consideradas como modos do nosso pensamento (realidade formal), e essas mesmas ideias, consideradas quanto ao que representam (realidade objectiva). Tudo o que está representado na ideia (objectivamente) tem de encontrar-se (formalmente) na sua primeira e principal causa.
2. Encontramos em nós a ideia de um ser sumamente perfeito. A perfeição representada nesta ideia excede infinitamente a que se encontra em nós (formalmente), pois sabemos bem que «não possuímos essa extrema perfeição de que temos a ideia». Não podemos ser a causa dessa ideia, porque o que é mais perfeito «não poderia ser uma continuação ou uma dependência do menos perfeito.» Essa causa só pode ser um ser em si mesmo sumamente perfeito, isto é, Deus.
3. Partindo do exercício metódico da dúvida, a investigação dos princípios do conhecimento humano chega a uma primeira verdade, modelo paradigmático de todas as outras e a única que resiste à dúvida hiperbólica: «*cogito, ergo sum*». Por reflexão sobre este primeiro princípio é formulado o critério de evidência: todo o conhecimento dotado de igual clareza e distinção é certamente verdadeiro. Este critério, no entanto, não é aplicável enquanto subsistir a hipótese hiperbólica de um deus enganador, podendo a clareza e a distinção serem meramente ilusórias. A remoção desta dúvida implica a demonstração da existência de um ser sumamente perfeito,

V.S.F.F.

114/C/3

criador da substância pensante, que, sendo onisciente e sumamente bom, não permitiria que nos enganássemos naquilo que entendemos perfeitamente.

A existência e a veracidade divinas são os dois outros princípios do conhecimento humano, e é Deus o fundamento último da ciência, legitimando o critério de evidência.

CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, J. Locke

1. A religião verdadeira «consiste na fé interior da alma, sem a qual nada vale diante de Deus». A religião implica que se acredite «do fundo do coração».
«A natureza do entendimento humano é de tal ordem que não pode ser constrangido por nenhuma força exterior.» A fé é uma luz «que nenhum suplício dos corpos pode produzir».
2. O magistrado não pode, mediante a lei, cuja força depende do poder de coacção, prescrever artigos de fé. Mas tem, como qualquer outro homem, o dever de denunciar os erros, mediante argumentos e a persuasão.
«Uma coisa é persuadir, outra mandar; uma coisa é agir com argumentos, outra, agir com éditos.»
3. A tolerância tem como pressuposto a separação da Igreja e do Estado. Esta separação deriva da natureza própria destas instituições.
O poder espiritual da primeira exerce-se sobre as consciências e exclui o uso da coacção. «As exortações, as admoestações, os conselhos são as armas desta sociedade». Estando em causa a salvação das almas, deve cada um cuidar da sua. A religião verdadeira consiste na fé interior, sem a qual carece de qualquer mérito perante Deus e seria inútil, no que respeita à salvação. Se os conselhos se revelam ineficazes, resta à Igreja, como sociedade livre, o poder de excomunhão, sem prejuízo do dever de caridade.
O poder temporal do magistrado restringe-se aos bens civis. As leis visam a promoção e protecção destes bens, e a sua força reside na coacção. Os heréticos só se prejudicam a si próprios, não podendo o magistrado intervir. Pelo contrário, este tem o dever de proteger os bens civis dos heréticos, em pé de igualdade com os outros súbditos. A liberdade de religião e de culto é uma condição da paz civil, que compete ao magistrado promover. A todos os cidadãos devem ser concedidos os mesmos direitos.

DISCURSO DE METAFÍSICA, G. W. Leibniz

1. A noção completa de uma substância individual permite deduzir todos os predicados que lhe podem ser atribuídos, «tal como podemos ver na natureza do círculo todas as propriedades que dele se podem deduzir». Deus apreende nessa noção a razão de todos os predicados que se podem dizer com verdade dessa substância.
2. Os acontecimentos futuros são certos, já que Deus os prevê, mas isso não significa que sejam necessários. Distinção entre verdades necessárias e contingentes.
As verdades necessárias são aquelas cujo contrário implica contradição (verdades eternas como as da geometria). Regem-se pelo princípio da não contradição.
As verdades contingentes são aquelas cujo contrário não implica contradição.
Tudo o que vem a acontecer a alguém já está compreendido na sua noção, mas esses acontecimentos não deixam de ser contingentes, porque dependem da vontade divina. Só Deus tem um conhecimento claro da noção completa de cada substância individual.
3. Tema das relações de Deus com as substâncias criadas.
Esboço da teoria das mónadas: «cada substância individual é um resumo do universo». Conciliação entre o pré-conhecimento de Deus e a liberdade humana. Distinção entre conexões necessárias e conexões contingentes (verdades de razão e verdades de facto). As verdades contingentes têm a sua razão suficiente na vontade divina que, entre as várias possibilidades, escolhe a melhor. No entanto, essa razão só Deus a entende de forma absoluta.

FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, I. Kant

1. Com base na experiência não podemos ter a certeza de que exista alguma acção praticada *por dever*. O valor moral da acção não se situa no plano sensível, «não é das acções visíveis que se trata, mas dos seus princípios íntimos, que se não vêem».
2. O conceito de dever não é empírico, é um conceito *a priori*, universal e necessário. Tem a sua origem na razão pura.
3. Segundo a razão prática vulgar, o valor moral da acção reside apenas na boa vontade em si mesma. A acção com valor moral é praticada por dever e não é apenas conforme ao dever. A distinção entre as duas acções referidas não reside na matéria da acção, na sua manifestação sensível, mas no princípio moral do querer, refere-se à acção em si mesma e não se situa no plano meramente fenoménico.

V.S.F.F.

114/C/5

GRUPO II

CRITÉRIOS	PONTUAÇÃO
Plano prévio – estrutura e adequação	8 pontos
Seleção correcta dos conhecimentos para desenvolver o tema escolhido	20 pontos
Apropriação pessoal dos conhecimentos e apreciação do modo como o tema foi tratado pelo autor, na obra	10 pontos
Coerência lógica da resposta	20 pontos
Utilização precisa da terminologia filosófica	10 pontos
Correcção da expressão escrita	12 pontos
TOTAL	(1 × 80) = 80 pontos
TOTAL DO GRUPO II	80 pontos

- Se o aluno não identificar a obra e não **resultar óbvio** do seu texto a que obra se está a referir, ou se escolher um par obra-tema diferente dos indicados, a pontuação será de 0 (zero) pontos.
- A **inadequação da resposta** à questão implica uma pontuação de 0 (zero) pontos.

Dado o objectivo deste grupo, serão de aceitar respostas diversificadas, desde que se reportem a **um dos pares obra-tema indicados na prova** e revelem uma selecção adequada dos conhecimentos da obra e um posicionamento crítico.

Tópicos de conteúdo

DA NATUREZA, Parménides

TEMA: Pensar e ser

Distinção entre dois caminhos de investigação (o caminho da verdade e o caminho da opinião), baseada na identificação entre o plano do pensamento e o plano da realidade – «o mesmo é ser e pensar».

A via da verdade, baseada na razão, conduz-nos ao que é: ao ser eterno, imutável, uno, idêntico a si mesmo, completo.

O não-ser é impensável e indizível, só a opinião dos mortais, pelo efeito do «costume mui experimentado», se deixa iludir pelos sentidos e aceita a mudança, a diversidade, o não-ser.

Os atributos do ser são deduzidos dos princípios da razão – a decisão reside neste facto: é ou não é –, são consequências lógicas da eliminação do não-ser.

GÓRGIAS, Platão

TEMA: Retórica e filosofia

A retórica não é uma arte, mas apenas uma forma de adulação, «a actividade empírica que visa o prazer». A filosofia procura a ciência e visa o bem da alma.

Diferem pelo género de argumentação. A retórica preocupa-se em conquistar os votos da maioria, vai variando de forma a poder «agradar ao povo». A filosofia preocupa-se com a verdade, que cada um tem de encontrar pela sua própria razão. «Só sei pedir o voto a um, com a multidão não sei conversar». A sua firme base racional fá-la manter-se idêntica a si mesma, «a filosofia diz sempre a mesma coisa».

A discussão sobre a utilidade da retórica opõe os sofistas (Cálicles) a Sócrates sobre o género de vida que convém ao homem: se a actividade política comum, baseada na retórica, orientada para a satisfação dos desejos, sem se preocupar em educar o povo, se a filosofia, que procura a felicidade na prática da virtude e no conhecimento do bem.

O filósofo não teme as consequências da sua incapacidade para usar a retórica em sua defesa; se levado a tribunal, tendo praticado a justiça, aceita a morte com serenidade.

FÉDON, Platão

TEMA: Os argumentos da imortalidade da alma

O fundamento da coragem socrática perante a morte: a esperança de uma vida melhor após a morte. Necessidade de investigar a razoabilidade desta «bela esperança».

Primeiro argumento: o princípio da geração recíproca e a alternância dos opostos. Morrer e reviver. A impossibilidade de deixar a natureza «manca».

Segundo argumento: a teoria da reminiscência. A reminiscência pressupõe a preexistência da alma. Igual necessidade da existência das realidades em si e da preexistência da alma. A complementaridade do segundo e do primeiro argumentos.

Terceiro argumento: analogia entre a natureza da alma e a das Ideias. As substâncias simples são imortais. Os próprios elementos que compõem o corpo «permanecem, por assim dizer, imortais.»

Crítica das concepções pitagóricas da alma: respostas às objecções de Símiias e Cebes.

Quarto argumento: a noção de participação. O princípio da incompatibilidade dos opostos. A alma, princípio vital, participando essencialmente da forma de Vida, não pode acolher a morte. Na concepção platónica de alma, convergem as concepções homérica e órfico-pitagórica.

Significado do mito final. O «risco» e a necessidade de «encantamentos».

V.S.F.F.

114/C/7

CATEGORIAS, Aristóteles

TEMA: As propriedades da substância

A substância como categoria fundamental. Substâncias primeiras e substâncias segundas. Géneros e espécies. O primado do ser determinado, individual e concreto. Primazia da espécie sobre o género.

Por oposição aos acidentes, todas as substâncias se caracterizam por não estarem «em o sujeito.» As substâncias primeiras, além disso, não são predicáveis de qualquer sujeito, como acontece com as substâncias segundas. Os géneros são predicáveis das espécies, e estas das substâncias primeiras.

As substâncias segundas são predicáveis em acepção sinónima.

«Toda a substância nos aparece como uma forma.» No caso das substâncias primeiras, essa forma é um «uno indivisível». As substâncias segundas são predicáveis de uma multiplicidade.

As substâncias, quer as primeiras quer as segundas, nunca têm contrários.

«Nenhuma substância é susceptível de receber mais e menos.» Nenhum homem, por exemplo, é mais homem do que outro ou é agora mais homem do que antes.

A substância, apesar de permanecer em si mesma una e idêntica, pode receber qualificações contrárias (alteração).

INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA, G. W. F. Hegel

TEMA: A filosofia e o concreto

A filosofia como conhecimento da Ideia que, no seu desenvolvimento, vem a ser concretamente aquilo que é.

Preconceito de que a filosofia tem a ver com abstrações. A filosofia está no domínio do pensamento, mas só é abstracta segundo a forma; «em si própria a Ideia é essencialmente concreta, a unidade de diferentes determinações».

Diferença entre o conhecimento unilateral e abstracto do entendimento e a universalidade determinada da razão.

A Ideia como processo. O concreto em-si torna-se para-si. É uma totalidade que contém em si diversos momentos, um sistema orgânico.

TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX,

Antero de Quental

TEMA: Limites do positivismo

Procura de uma síntese do pensamento da época como sua verdadeira filosofia.

Na segunda metade do século XIX predominam o processo indutivo e o espírito científico. Esta orientação atinge a filosofia. «Todos almejam imprimir à especulação uma orientação positiva». Juntamente com a filosofia de Comte, constitui-se uma filosofia da natureza inspirada na ciência (mecanicismo, determinismo, evolucionismo). Ponto de vista limitado, incompleto, abstracto, «é a experiência no seu máximo de organização, mas é sempre a experiência», «limita o ser à sua esfera primeira e inferior».

A grande síntese científica do século XIX é elementar, mas verdadeira, e a filosofia não pode prescindir dos dados positivos fornecidos pela ciência. A metafísica e a ciência não são rivais. A nova síntese deve ser indutiva e, tal como o positivismo, integrar os factos.

A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche

TEMA: Espírito apolíneo e espírito dionisiaco

Apolo e Dioniso. Sonho e embriaguez. Artes plásticas e artes musicais. Aparência (individuação) e ser (Vontade). A necessidade da arte e sua significação metafísica.

A tragédia ática, expressão da convergência dos dois instintos estéticos. O coro e o mito. O pessimismo trágico. A «moira». O sublime. Sentido metafísico do trágico.

A tragédia de Eurípedes: a vitória da razão crítica sobre o instinto. Racionalismo e naturalismo anti-estético. A vitória do espírito apolíneo sobre o espírito dionisiaco. Dissonância trágica e consonância otimista. A morte da tragédia.

Sócrates: a degenerescência do espírito apolíneo em esquematismo lógico. O optimismo teórico. A vitória da ciência sobre a arte. A civilização alexandrina.

DA CERTEZA, L. Wittgenstein

TEMA: Imagem do mundo e experiência

Dois tipos de proposições: proposições empíricas, verificáveis (ou não) pela experiência, e proposições cuja validade não depende de verificação, servindo de suporte a todas as outras.

Estas últimas não devem ser entendidas como se se tratasse de axiomas (evidências ou hipóteses). A sua validade é da ordem do vivido e radica na constituição biológica do ser humano e na prática social.

Este conjunto de convicções forma um sistema coerente e dá consistência a uma forma de vida, constituindo uma imagem do mundo que é adquirida (e não aprendida de modo reflectido) na prática dos jogos de linguagem.

Imagem do mundo e experiência formam um sistema em que os «axiomas» não valem isoladamente, mas em que conclusões e premissas se suportam mutuamente. A imagem do mundo é como um eixo fixo em torno do qual «giram» as experiências. Mas este eixo não está fixo senão pelo movimento em torno dele. Uma imagem do mundo estrutura a experiência, mas pode ser modificada por ela.

Tal como entre o leito de um rio e o caudal das águas, a fronteira é movediça e alterável com o tempo: proposições rígidas tornam-se fluidas e vice-versa. As convicções que integram uma imagem do mundo não têm todas o mesmo grau de segurança. Algumas podem ser arrastadas pelo turbilhão das águas. Areias transportadas no caudal do rio podem, por sua vez, depositar-se no leito. E assim se vai alterando o modo como se vê o mundo.

ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty

TEMA: Filosofia e religião

Filosofar é procura, e a filosofia actual não procura Deus. Alguns filósofos limitam-se a rejeitar a negação de Deus. Tendência para confundir as dúvidas em relação à existência de Deus com o ateísmo.

A filosofia deve evitar qualquer religião da humanidade ou confundir-se com a teologia.

A filosofia mantém-se numa situação de abertura ao que há de problemático na existência do mundo ou na nossa. Nenhuma solução definitiva a satisfaz. A negatividade filosófica.

A filosofia interpreta a religião, mas, segundo o ponto de vista dos outros, trata-se de impiedade, como no caso de Sócrates.

V.S.F.F.

114/C/9

OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell

TEMA: Aparência e realidade

Senso comum e filosofia. Crítica da experiência imediata. Dados dos sentidos e realidade. Os problemas do conhecimento e da existência da realidade (matéria).

A existência da matéria: a hipótese solipsista. A certeza da existência dos dados dos sentidos. A impossibilidade de demonstrar a existência da matéria, sendo esta antes objecto de uma crença instintiva. Apesar de indemonstrável, tal crença não só não colide com nenhuma outra crença, como facilita a compreensão da experiência, pelo que não temos nenhuma razão para a rejeitar.

A natureza da matéria: o mecanicismo científico. A impossibilidade de conhecer a natureza intrínseca da matéria. Crítica do realismo do senso comum. O idealismo filosófico.

Crítica do idealismo. A posição de Berkeley. Refutação dos argumentos de Berkeley. A distinção entre conhecimento por intimidade e conhecimento por descrição.

A PROBLEMÁTICA DA SAUDADE, Joaquim de Carvalho

TEMA: Fenomenologia da consciência saudosa

Significação universal do fenómeno da saudade. A saudade como tomada de posição do sujeito perante o mundo e as suas qualidades afectivas. Distinção relativamente à consciência teórica e prática.

A fenomenologia como método para isolar a saudade de outros estados afins, determinando as suas componentes e a sua intencionalidade.

Componentes do acto saudoso:

– a renúncia, a nolontade, a nostalgia, a melancolia, o isolamento, o desejo de bens ausentes e anteriormente vividos, a tristeza;

– a evasão relativamente à realidade presente;

– natureza íntima do fenómeno da saudade;

– intencionalidade do fenómeno;

– ensimesmamento (*esse in*) e exsimesmamento (*esse ad*).

Estrutura do acto saudoso: o eu, as vivências anteriores, a correlação entre o ser subjectivo e esses seres ou situações já vividas.

DA ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger

TEMA: Crítica do conceito vulgar de verdade

Verdade como efectividade. Verdade como conformidade das coisas com o que previamente se pensa e dos enunciados com as coisas. Interpretação teológica e filosófica da *adaequatio intellectus et rei*. Exclusão da não-verdade da essência da verdade.

Conformidade, semelhança e representação. O enunciado representativo refere-se à coisa tal como ela é, deixa-a opor-se como objecto. Esta relação pressupõe um âmbito aberto de encontro que possibilita que, no comportamento, algo se revele *enquanto tal*: o ente. «O comportamento está aberto ao ente».

A possibilidade da correcção do enunciado representativo repousa sobre o estado-de-aberto do comportamento, que permite um modo de dizer o ente tal como ele é. A verdade não reside originariamente na proposição.

O estado-de-aberto do comportamento, fundamento da correcção do enunciado, funda-se na liberdade, no *ser-livre* para aceitar o revelado como regra vinculante. A essência da verdade é a liberdade, entendida como *deixar-ser* dos entes. Mas a essência da liberdade é a verdade entendida

num sentido mais essencial: a desocultação do ente (a abertura do aberto). A liberdade é a entrega à desocultação do ente.

TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur

TEMA: Hermenêutica e ontologia

A hermenêutica como caminho para a autocompreensão.

Dialéctica entre compreensão e explicação.

A apropriação do sentido do texto implica abrir-se ao mundo para o qual o sentido do texto aponta.

O leitor alarga o seu horizonte de compreensão, «despoja-se do seu ego narcisista». Pelo seu poder de desvelamento de um mundo, o texto fornece um Si-mesmo ao ego.

V.S.F.F.

114/C/11
